

**Parte V**  
**Corpos e sexualidades:**  
**que prazeres e riscos?**

Vítor Sérgio Ferreira

## Capítulo 12

# Dar corpo à juventude: o *corpo jovem* e os jovens nos seus corpos

## Introdução

Um dos rumos dos jovens de hoje tem sido em direcção ao seu próprio corpo, nos cultos à sua imagem, nos desafios aos limites dos seus gestos, na exploração dos seus sentidos e sensações, procedimentos muitas vezes valorizados e intensificados pelos riscos físicos e sociais em que incorrem. Este rumo de vida não tem sido, todavia, seguido de perto pela investigação sociológica que toma os jovens nas suas mãos. Isto, em grande medida, em virtude de o trabalho de desconstrução sociológica e de arqueologia social em torno das categorias «juventude» ou «jovem» se ter realizado a partir de estratégias de evitamento e distanciação dos biologicismos, naturalismos e evolucionismos arreigados à categoria «adolescência», que fazia coincidir esta fase de vida com a «puberdade».<sup>1</sup>

Neste contexto, a sociologia interessou-se pouco pela dimensão propriamente corporal implicada nesta «nova idade de vida» que é a juventude, parafraseando Galland (1990). Com a excepção de alguns estudos produzidos pelo Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, após a II Guerra Mundial, onde os visuais das ditas «subculturas juvenis» foram objecto de algum destaque, só mais recentemente, já no decorrer dos anos 90, a sociologia começou a olhar

---

<sup>1</sup> É, aliás, a categoria «adolescência» que está no princípio dos estudos sobre jovens no início de século XX a partir da psicologia americana (Hall 1905). Ganha o monopólio até meados desse século, altura em que os termos «juventude» e «jovem» ganham visibilidade social e força política como «problema social», começando a ser objecto de estudo da sociologia. Sobre a construção social e conceptual destas categorias ver, entre outros, Criado (1998); Feixa (1993); Groppo (2000); Huerre, Pagan-Reymond e Reymond (2000 [1997]); Léon (2004); Lesko (1996); Levi e Schmidtt (1996).

Vítor Sérgio Ferreira

com mais atenção para os jovens a partir dos seus corpos. No entanto, com um interesse ainda marginal na agenda da designada «sociologia da juventude». Demasiado marginal relativamente ao valor que lhe é socialmente conferido. Daí o objectivo principal deste artigo: inventariar algumas ordens de razão que nos fazem crer que a sociologia da juventude deveria prestar atenção redobrada às representações, valores e usos sociais do corpo entre as mais jovens gerações.

## O valor social do *corpo jovem*

Não obstante a «juventude» ser uma categoria recentemente inventada e socialmente construída, que apenas e tão-somente seja uma *palavra* (Bourdieu 1980) ou uma *metáfora* (Feixa 1993), é um pressuposto que incorre numa atitude de extremo nominalismo. Ainda que a «idade jovem» seja histórica e contextualmente «um facto social instável» (Gauthier 2000) e que, por consequência, os limites para a aferição sociológica da «juventude» não sejam de natureza eminentemente biológica e não se determinem exclusivamente pela idade dos indivíduos, certo é que, socialmente, ser jovem passa pela codificação etária de um dado modelo de corporeidade.<sup>2</sup> Isto na medida em que o corpo, na sua carnalidade, é um lugar privilegiado de *visualização da idade* (Bytheway e Johnson 1998).

Há, efectivamente, normas que enquadram a *figura* do jovem,<sup>3</sup> normas essas em grande medida estabelecidas com base em critérios de ordem corporal. Entre os vários atributos que permitem identificar a «juventude» enquanto categoria social, um dos mais visíveis e privilegiados na interacção quotidiana é, de facto, a sua *condição corporal*, consubstanciada numa multiplicidade de imagens e desempenhos físicos simbolicamente correlacionados e atribuídos a uma dada condição etária. Em última instância, a delimitação das fronteiras que delimitam a «juventude» passa pela leitura social de atributos associados ao processo biológico de cres-

<sup>2</sup> O conceito de «corporeidade» é entendido como o conjunto de traços concretos do corpo que o definem como ser social: «diremos que uma dada sociedade define simultaneamente um certo *espaço de corporeidade* (ou seja, um número de possíveis corporais, formado por regras de conveniência na apresentação e na gestão do corpo) e uma certa *corporeidade modal* (ou seja, um conjunto determinado de traços valorizados)» (Berthelot 1983, 128), consubstanciada em figuras próprias a determinadas épocas, modeladas pelos contextos sociais e culturais onde emergem (Berthelot 1998). Essa corporeidade modal está, na sociedade contemporânea ocidental, associada à figura do «corpo jovem».

<sup>3</sup> Nos termos em que Jünger (2000) define o conceito de «figura», enquanto «um todo que engloba mais do que a soma das suas partes».

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

cimento e envelhecimento, os quais não sendo socialmente codificados por relação a determinadas fases do curso de vida.

Os atributos corporais relacionados com o início da condição juvenil são, por exemplo, os primeiros sinais pubertários, muitas vezes vividos com algum embaraço e estranhamento por parte do adolescente: as borbulhas que surgem na face, a pilosidade que assoma em algumas zonas do corpo, o começo do ciclo menstrual no caso das raparigas, as primeiras ejaculações no caso dos rapazes, etc. A despedida da «idade jovem» vem, por sua vez, fisicamente associada aos primeiros atributos de «maturidade»: os primeiros cabelos brancos, ou calvície, rugas, adiposidades, maletas várias, etc. Para além destas marcas fenotípicas, existe uma *gestalt* conotada com a imagem pública produzida sobre essa idade da vida, ou seja, um complexo de imagens (roupas e penteados, por exemplo) e desempenhos corporais (posturas, gestos e actividades físicas) cuja mobilização invoca a aproximação, a vivência ou o distanciamento da condição juvenil por relação à infância ou à adultícia.

A evolução da imagem pública da juventude portuguesa tem sido, efectivamente, marcada por uma progressiva atenção à imagem do corpo, em particular à do corpo desnudo, patente no aumento exponencial de publicidade a objectos, práticas e outros bens de consumo enquadrados em contextos de moda, desportivos, de música e dança, onde o valor estético, espectacular ou erótico da imagem física da juvenildade é intensivamente explorado.<sup>4</sup> Vestido ou desnudo, mas sempre apetecível, a publicidade capitaliza o «corpo jovem» como nunca enquanto símbolo investido de poder de sedução e de captação do olhar, fazendo-o associar ao perfil do «corpo perfeito, isto é, ao corpo que apresenta as medidas padrão na relação peso-altura, tanto para o feminino, como para o masculino [...] apostada na defesa do corpo físico glorioso e realizado, onde o desejo desemboca no prazer» (Resende 1999, 9 e 15-16).

Um estudo realizado durante os anos 80 sobre a construção da identidade juvenil portuguesa, com base nos discursos normativos instituídos pela publicidade televisiva, foi relevador da intensa exploração mediática de imagens do «corpo jovem» como suporte figurativo de determinadas

---

<sup>4</sup> Sobre o culto do «corpo jovem» na publicidade, ver Castro (2003); Veríssimo (2005). Dada a amplitude social e o poder simbólico que caracterizam actualmente o discurso publicitário, este acaba por constituir o discurso hegemónico e doutrinário sobre a corporeidade contemporânea, ultrapassando largamente o poder simbólico de outros discursos tradicionalmente enunciadores, produtores e reprodutores de modelos de corporeidade, nomeadamente de «corpos de sonho», como o foram, em tempos, a literatura, na prosa ou na poesia. Ver Resende (1999, 10-13).

Vítor Sérgio Ferreira

marcas, produtos e serviços: «a insistência dos conteúdos publicitários implicando jovens centrou-se em torno de alguns aspectos que se revelaram mais pertinentes: resumidamente, a apresentação do corpo surge como uma das representações mais marcantes da imagem juvenil, tanto na sua dimensão activa – através do desporto e da dança – como na sua dimensão simbólica – através das modas e atavios. [...] Aliás, se a imagem do corpo jovem sempre associou elementos simbólicos, nunca como hoje esta componente se tornou tão marcante. O juvenil como representação aparece pois ligado mais do que nunca ao valor simbólico e económico dos objectos e muitas dessas mercadorias associam-se directamente à imagem do corpo» (Schmidt 1993, 273-274).

A «idade jovem» é, portanto, um tempo socialmente construído, porém codificado no corpo. Uma juventude que dura cada vez mais tempo (Dirn 1999) e que se tenta que perdure, crença alimentada pelas promessas mercantis da juvenilização dos corpos (Featherstone e Wernick 1995). Os sonhos de imortalidade e os elixires da juventude sempre existiram, poções míticas cujo móbil principal era a luta pela conservação do corpo enquanto jovem. Mas se outrora esses produtos eram restritos a uma elite de afortunados, hoje em dia esse sonho tende a democratizar-se, existindo um «elixir da juventude» à mão de qualquer prateleira de supermercado. Muitos, cada vez mais, rendem-se aos produtos *light*, aos cosméticos de alisamento e tonificação da pele, às ginásticas e dietas promissoras, ao sonho de uma cirurgia estética. Contaminados por um complexo de Peter Pan profundamente enraizado nas sociedades contemporâneas ocidentais, querem dar-se a ver na sua prolongada «juventude» através da encarnação de um «corpo jovem». Em última instância, é-se jovem quando se começa a parecê-lo, e transpõe-se a condição juvenil quando se deixa de (conseguir) transparecê-lo.

Produzir e/ou manter na carne esse modelo de corporeidade socialmente idealizado e consagrado é, hoje em dia, uma ambição social largamente partilhada, a qual (sobre)vive da esperança – ilusória, convenhamos – de que, com a actual parafernália de recursos, tecnologias e serviços ao seu dispor, o corpo «se liberta da idade» (Martin-Barbero 1998). De facto, o processo biológico, morfológico e fisiológico de modificação corporal ao longo da vida tem hoje ao seu serviço um conjunto inumerável de produtos criados no sentido do seu controlo e vigilância, e vendidos com base na crença num corpo perfectível e preservável. Algumas inovações estéticas, cosméticas, tecnológicas, desportivas, nutricionais ou cirúrgicas fazem com que uma determinada imagem idealizada do corpo juvenil possa ser individualmente gerida no sentido da sua produção e

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

do seu prolongamento, através de produtos e estratégias de retardamento da inevitabilidade dos traços que o tempo vai deixando sobre a pele – as rugas, as melenas brancas, a fadiga, os quilos «a mais»...

Neste contexto, o valor do «corpo jovem» adquire importante visibilidade e reconhecimento social enquanto corporeidade de *referência* e de *reverência* na sociedade contemporânea, protótipo glorificado, fetichizado, cobiçado, obstinadamente desejado e mercantilizado no espaço social. «Parecer mais novo do que se é importa agora muito mais do que exibir uma categoria social: a alta-costura, com a sua grande tradição de refinamento distintivo, com os seus modelos destinados às mulheres adultas e ‘instaladas’, foi desqualificada por esta nova exigência do individualismo moderno: parecer jovem.» E, nesta óptica, «o culto da juventude e o culto do corpo caminham a par» (Lipovetsky 1989 [1987], 166).

O «corpo jovem» corresponde a um imaginário corporal consubstanciado no desejo de obter uma tensão máxima da pele e uma silhueta conforme aos cânones de perfeição; na obsessão de manter um corpo atlético e ágil, longe da ameaça de doença ou do prenúncio de morte; de construir um corpo sedutor e sensual, sempre desejável e ávido; de explorar um corpo hedonista e irreverente, que deve proporcionar gozo e obter prazer imediato. Sob a forma de beleza, forma, saúde, vitalidade e sensualidade, este arquétipo cultural assoma hoje em dia como realidade carnal ideal(izada), normalizada e naturalizada no espaço público, alimentando expectativas e ansiedades de muitos.

Instituída como ideal «genérico» de corpo que se ambiciona para si próprio e se espera dos outros, a imagem do «corpo jovem» vem instalar-se nos «corpos particulares» que por ele se deixam seduzir.<sup>5</sup> É em função desse modelo de corporeidade que corpos mais ou menos jovens passam a ser alvo de observação e contemplação, vigilância e celebração, objecto de escrutínio e avaliação permanente, quer por parte do seu portador, quer dos que com ele se cruzam habitualmente.

O *mercado* e os *media* que, à escala global, servem este modelo de produção corporal e dele dependem, que o sustentam e dele se sustentam, converteram-se num espaço simbólico e discursivo altamente disciplinador dos corpos particulares, juvenis e não só. Esbatendo a fronteira entre ficção e realidade, o *star system* contemporâneo promovido pelos *media* e pela publicidade produzem e difundem a ideia de que, se as instruções de um determinado produto ou serviço forem seguidas à risca, é possível

<sup>5</sup> Sobre a distinção conceptual entre «corpos genéricos» e «corpos particulares», ver Da Matta (1986).

Vítor Sérgio Ferreira

atingir o ideal corporal perspectivado. Ao mesmo tempo, a proliferação de imagens corporais que, dentro de uma cultura de consumo, diariamente assalta os jovens, torna-os mais conscientes da sua aparência externa, confrontando-os com ícones que enformam (e conformam) os ideais de perfeição física, «corpos de sonho» que saem do reino da excepção e invadem a vida quotidiana.

Tal contexto convida a sociologia da juventude a considerar os potenciais efeitos perversos desta intensa mediatização do ideal de «corpo jovem», nomeadamente na construção da *imagem corporal* dos próprios jovens.<sup>6</sup> Como sugere Ribeiro (2003, 50), «é natural que, ao representar o *seu* corpo (na terceira pessoa), o indivíduo o avalie pelo confronto com modelos (por exemplo, de estética) [...]. A imagem do corpo tem de facto um determinado valor para o sujeito, e é com base nesta *cotação* que ele define atitudes e organiza comportamentos no plano social. E a nota que atribui ao corpo conta, com um peso significativo, para a sua auto-estima».

## Experiências dos corpos juvenis

A tentativa de encarnação dos modelos de corporeidade ideal veiculados mediaticamente pode, efectivamente, produzir efeitos na relação que alguns jovens mantêm com o seu próprio corpo e, conseqüentemente, na respectiva auto-estima. Ao explorar largamente imagens corporais juvenis que estabelecem elevados padrões de atractividade e desempenho corporal, a acção dos *media* e do mercado, através das suas indústrias de *design* corporal, poderá potenciar sentimentos de insatisfação e incompetência física na percepção de cada jovem sobre o seu próprio corpo quando tem como referente comparativo os modelos de corporeidade ideal mediaticamente difundidos e socialmente valorizados (Philips e Drumond 2001).

Esses efeitos podem consubstanciar-se, por exemplo, na intensificação de estratégias de vigilância sobre o corpo, na indução de distorções na percepção individual da imagem social que o corpo projecta, ou na condução de uma gestão corporal «de risco» através da aplicação radicalizada

<sup>6</sup> A «imagem corporal», enquanto dimensão fundamental da identidade pessoal, condensa «o conjunto de representações, sentimentos e atitudes que o indivíduo elaborou acerca do seu corpo ao longo da existência», através de experiências não apenas sensoriais e cognitivas, mas também afectivas e sociais (Bruchon-Schweitzer 1990, 173-174).

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

de vários regimes de modificação corporal hoje facilmente acessíveis. É neste contexto que alguns distúrbios de natureza psicopatológica cuja prevalência e cujo crescimento têm sido associados ao segmento juvenil da população (como a anorexia, a bulimia ou a vigorexia, por exemplo), podem ter a sua génese.

Relativamente a este aspecto, é de notar que, em 2000, mais de um terço dos jovens portugueses entre os 15 e os 29 anos manifestava o seu desejo de melhorar a sua forma e o seu aspecto físico. Por outro lado, destaque-se os 19% que afirmavam sentir com regularidade (*muitas ou algumas vezes*) *não gostar do seu corpo tal como é*, revelando uma baixa *auto-estima corporal* (Ferreira 2003, 275-280). Outro estudo realizado em 2002, desta feita com adolescentes em idade escolar, determinou que cerca de 50% dos jovens com 16 anos ou mais gostaria de alterar algo no seu corpo (Matos 2003, 22). Finalmente, uma pesquisa realizada com adolescentes do sexo feminino em turmas do 9.º ao 12.º ano frequentando escolas públicas de Lisboa, diagnosticou cerca de 30% destas a avaliarem subjectivamente o seu peso como sendo excessivo, sendo apenas cerca de 5% as que avaliam o seu peso como insuficiente ou extremamente insuficiente, quando cerca de 42% do total das jovens inquiridas apresentam um índice de massa corporal indicador de magreza. Nas palavras da autora, «esta observação leva-nos a concluir sobre a existência de uma sobrevalorização do peso real, o que prenuncia uma distorção da auto-imagem corporal das adolescentes» (Cunha 2004, 137).

Estes números têm na sua base não apenas o facto de sobre os jovens de hoje recair um conjunto de constrangimentos, pressões e apelos externos no sentido de concretizar um *dever-ser*, um *dever-parecer* e um *dever-estar* corporal que tem por referência a reverência a um certo imaginário de «corpo jovem», como já se viu, mas também o facto de este tempo da vida ser marcado por diversos e intensos estímulos intrínsecos ao próprio corpo, no sentido da alteração da sua configuração e metabolismo. Trata-se de uma fase em que, na intimidade, os sujeitos começam a verificar a inquietude de um corpo que se transforma, tomando-se um foco de atenção e vigilância pessoal. Os processos orgânicos, morfológicos e fisiológicos a ocorrer são, em alguns casos, de tal forma perturbadores da imagem corporal dos sujeitos que as estratégias de controlo que atizam podem tomar configurações do foro obsessivo.

Com efeito, o «corpo jovem» tende a consubstanciar-se concretamente em corpos que, no âmbito das transformações imagéticas, funcionais e hormonais a que estão organicamente sujeitos, podem ser vividos e interpretados pelos adolescentes que as sentem sob a impressão de ficar



Vitor Sérgio Ferreira

fora do controlo dos próprios. Enquanto organismo vivo e em devir, o corpo dos jovens encontra-se efectivamente sujeito a várias alterações, devidas à emergência somo-anatómica própria da «puberdade».

Esta categoria tem sido regularmente empregue no sentido de classificar um período da vida marcado por acontecimentos biológicos que assinalam o início na sequência de transformações morfológicas, fisiológicas e bioquímicas sobre o «corpo infantil». Este perde os contornos que o definiam em função de novas propriedades corporais. O próprio vocábulo *adolescência*, na sua semântica histórica, acaba por enfatizar esse mesmo processo fisiológico: *adolescere*, no latim, quer dizer «crescer», cujo particípio presente em *adolescens* significa «aquele que está a crescer» e o particípio passado *adultus* significa «parar de crescer». Contudo, «se a objectividade da transformação pubertária não levanta qualquer dúvida, o mesmo não acontece com o percurso transformacional que se opera no espaço mental do adolescente, também ele em transformação» (Pinto 2002, 61).

Enquanto continuidade de fenómenos que convergem numa progressiva transformação do organismo, a fatalidade genética, química e fisiológica das transformações que o processo pubertário origina implica uma reformulação da auto-imagem do jovem, bem como a reformulação da imagem que os outros têm de si. Daí que, apesar de sucederem numa cronologia relativamente variável, os sinais pubertários assinalem uma fase do curso de vida do indivíduo que implica um momento de (re)construção de si e do mundo, no qual o investimento, a exploração e o auto-governo do corpo humano, na forma de domesticação de muitos desses sinais, pode adquirir uma importante relevância subjectiva.

Sinalizando publicamente a entrada social na «idade jovem», o sujeito debate-se com uma nova silhueta de si próprio com a qual vai estabelecer novos elementos de identificação e identização, confronta-se com um «novo» corpo que vem a aceitar ou não, fraccionado ou por inteiro, consoante a auto-avaliação feita dos resultados das alterações fisiológicas e morfológicas por que passa, sempre condicionada pelo contexto social em que se insere. Trata-se de um período que implica, portanto, a integração identitária de uma nova imagem corporal, dotada de determinadas características físicas que podem ser mais ou menos concomitantes com os modelos corporais valorizados no seu mundo de vida, gerando efeitos quer a nível da sua própria autopercepção, quer da percepção de si na rede de interações sociais em que se movimenta. Durante esse período pode, assim, ser experimentada uma fissura entre o corpo que se desejaria ter e o corpo que se tem (ou se pensa ter quando se olha ao espelho ou

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

quando se pesa), fissura para a qual a indústria de *design corporal* apresenta cada vez mais possibilidades para quem a pretende colmatar.

Entre as mudanças fisiológicas que caracterizam os sinais pubertários, destacam-se as mais visíveis, porque corporalmente exteriores: o pleno desenvolvimento dos órgãos genitais, a aceleração do crescimento em altura, o desenvolvimento muscular e de repartição de gorduras, a voz assume novas tessituras, as glândulas sudoríferas e sebáceas são hiperactivadas, intensificando odores e desencadeando erupções cutâneas na forma de acne, etc. Em latim, *pubertas* pertence a uma família de palavras eruditas derivadas de *pubis*, «pêlo», que designa o ganho de pilosidade em torno dos órgãos genitais por altura da puberdade. Por outro lado, *pubis* é ainda uma derivação de *pubes*, que significa «buço, penugem». Os pêlos da face, sob as formas de «bigode», «pêra», «barbicha» ou «suíça», eram em meados do século XIX os únicos púbis permitidos ao homem exhibir publicamente, enquanto signos distintivos da ruptura irreversível que, daí para a frente, se estabelece entre ser «criança» e ser «adulto». Dito de outro modo, o buço assinala que o indivíduo se tornava capaz de se reproduzir.

Às preocupações com a auto-imagem, acrescem ainda as inquietações com a integração identitária de um corpo sexuado. Desde os textos de sustentação mais científica aos de intenção mais poética sobre a puberdade, o acento tem sido, de facto, colocado nas modificações físicas que afectam o corpo humano tornando-o apto a procriar: a «emergência de uma puberdade que faz irromper um corpo sexuado com desejos novos, muitas vezes sentidos como inconfessáveis. O adolescente depara-se com um corpo sexuado, onde medo e desejo se entrecruzam e perturbam» (Pinto 2002, 57). O seu corpo desabrocha para o desejo, assim como para a necessidade de se fazer desejar, em redes de relacionamento e de sociabilidade amical que se fragmentam e se estendem, estendendo-se também as possibilidades de encontro amoroso, o que implica a aprendizagem de competências e estratégias de sedução onde o corpo surge inevitavelmente implicado.

Todo este processo, sendo carnalmente experienciado pelos jovens em diferentes contextos sociais e culturais, é susceptível de ser investido de diferentes sentidos simbólicos e, conseqüentemente, de ser socialmente vivenciado de formas distintas, quer pelos próprios jovens, quer pelas instâncias sociais com que lidam quotidianamente. Os discursos técnicos e sociais que (pre)tendem normativizar tais experiências, os valores e crenças que os informam, as práticas que são agenciadas pelas instituições, as estratégias de acomodação, de resistência ou de transformação que os

Vítor Sérgio Ferreira

próprios jovens accionam perante os enquadramentos somáticos a que estão quotidianamente sujeitos, são portanto objectos desafiantes e praticamente intactos para uma sociologia da juventude que se deseje e se proponha *encarnada*.

## Corpo, identidade e autonomia juvenil

Uma outra ordem de razões para encarnar a sociologia da juventude diz respeito ao facto de vários estudos sobre jovens terem vindo a sinalizar a importância do corpo no imaginário e na vivência actual destes, nomeadamente nos respectivos processos de construção identitária e de autonomização social. Já nos idos anos 80 se constatava ser a *imagem do corpo* um dos mais importantes aspectos quer na imagem pública da juventude (Schmidt 1985, 1989), quer na vida social dos jovens (Schmidt 1993). Todos os jovens entrevistados na altura, independentemente do grupo social e do sexo, demonstravam uma grande preocupação com o corpo. Referiam o «aspecto físico» como essencial na definição e distinção de si próprios e do seu grupo, em associação não só aos atributos físicos propriamente ditos, na sua carnalidade (ser destro, forte e bonito), mas também à roupa (andar na moda), tendo o cuidado de deixar bem vinculada a sua preocupação com a «originalidade» e o «estilo».

A importância objectiva e subjectiva do vestuário, do calçado e de outros objectos que cobrem os corpos e que compõem os visuais juvenis vai, de facto, bastante mais além do mero *valor de uso* que lhes é vulgarmente atribuído, ou seja, do estatuto funcional e pragmático que tais objectos também cumprem na superação de necessidades antropológicas tidas como «naturais» (Baudrillard 1995 [1972], 9-10). Os visuais construídos pelos jovens são, antes de mais, percebidos e valorizados enquanto meio de expressão social da individualidade (Ferreira 2003, 341). Pode dizer-se, com Giddens, que «o vestuário é muito mais do que um simples meio de protecção corporal: é, manifestamente, uma forma de demonstração simbólica, uma maneira de dar forma exterior a narrativas de auto-identidade» (1997 [1991], 57).

Em 1987, num inquérito nacional realizado à juventude portuguesa, a esmagadora maioria dos jovens inquiridos concordava que os «jovens de hoje», em comparação com as mais velhas gerações, atribuem maior importância ao *corpo*, às *actividades físicas* e à *vida sexual*, constatando ainda terem gostos muito diferentes em matéria de *vestuário* (Conde 1989). Praticamente uma década mais tarde, replicaram-se esses mesmos

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

indicadores num inquérito desta vez representativo da população portuguesa residente no Continente, tendo-se denotado uma concordância generalizada e consensual em torno da assunção de que as novas gerações se distinguem das anteriores pela sua maior valorização do corpo, do vestuário e das actividades físicas (Ferreira 1998, 170-171).

O corpo surge assim integrado no núcleo duro dos referentes que funcionam como pólos de estruturação das fronteiras simbólicas que produzem os jovens de hoje como *condição social* e, simultaneamente, os distinguem como *geração social*.<sup>7</sup> O que os jovens vestem, o que calçam, o que colocam para adornar, para cheirar, para disfarçar, são recursos que fazem da sua carne uma realidade significante, que asseguram «a passagem do sensível para o sentido» (Barthes 1999 [1967], 286), adquirindo significados que expressam importantes diferenciações sociais. No fundo, são dimensões referenciais que adquirem larga visibilidade e unanimidade social enquanto signos identitários da actual «juventude», extrapolando critérios assentes na mera proximidade etária.

Aliás, destacar o actual carácter referencial e reverencial do «corpo jovem» implica salientar a permeabilidade das mais velhas gerações ao valor cardinal desta corporeidade no seu quadro de referências, por ele seduzido e influenciado nas apreciações que fazem do que é, hoje, ser «bonito», «sensual», «desejável», «saudável», «dinâmico», etc. Uma certa transversalidade intergeracional na importância concedida ao valor social do corpo, pelo menos a nível discursivo, é efectivamente constatável em muitos meios sociais: «operou-se uma inversão maior nos modelos de comportamento», diz Lipovetsky, justificando esta afirmação com as palavras de Yves Saint-Laurent: «‘outrora, uma rapariga queria parecer-se com a mãe. Actualmente, é o contrário que se verifica’» (1989 [1987], 163).

Nesta perspectiva, a «juventude» demonstra ser uma fase do curso de vida em que o corpo, no que nele acontece, o que com ele se faz e dele se pode e deseja fazer, toma um lugar central, investido de um valor de experimentação e exploração pessoal, bem como de expressão e reconhecimento social. No processo de (re)construção de si que implica essa fase de vida, é através do corpo que os jovens se experienciam e experimentam o mundo enquanto pessoas autónomas, se representam e se apresentam ao mundo social enquanto indivíduos singulares, sendo também a partir

<sup>7</sup> Por contraposição à noção de «geração demográfica», meramente definida por critérios etários, a «geração social» é «determinada mediante uma auto-referência a outras gerações (das quais se vê distinta)» (Nunes 1987 [1972], 87).

Vítor Sérgio Ferreira

dos signos que o respectivo corpo emite que o mundo social se apropria e categoriza os sujeitos enquanto «jovens».

No entanto, o valor do «corpo jovem» e do corpo próprio entre os jovens não se revela equitativamente distribuído no espaço social. Na sequência dos inquéritos anteriores, os resultados do inquérito nacional à juventude portuguesa aplicado no ano 2000, onde houve a oportunidade de desenvolver um módulo específico dedicado às atitudes perante o corpo (Ferreira 2003), vieram não só reafirmar a centralidade do corpo nos processos juvenis de construção identitária, como também localizar e caracterizar socialmente contextos juvenis mais somatizados do que outros. Embora alguns autores, na linha de Giddens, venham falar de uma ampla reflexividade corporal no mundo contemporâneo, o facto é que a atitude de valorização e auto-responsabilização pelo *design* e pela *performance* do corpo se observa tanto mais partilhada pelos jovens quanto mais *pós-tradicionistas* se configuram os contextos sociais onde eles se movem.

De facto, os jovens posicionados na base da hierarquia social, apenas dotados dos recursos escolares elementares, residentes em *habitat* rural, e em situações sociais mais vulneráveis e precárias, como a domesticidade e o desemprego, revelam uma atitude de maior alheamento e resignação perante a sua condição corporal: registam maiores dificuldades em avaliar o estado actual da sua condição física, e maior indiferença perante a hipótese de melhorar a sua forma e o seu aspecto físico; manifestam ainda um maior despojamento e conservadorismo perante as várias possibilidades de intervenção directa ou indirecta no corpo, investindo substancialmente menos em estratégias de vigilância, controlo, modificação e estilização corporal. São também os que menos informação procuram nos *media* acerca de cuidados a ter com o corpo. Em suma, entre os jovens com este perfil social predominam os que menos reflexividade demonstram relativamente à sua circunstância física, abandonando o corpo à sua condição de *dado natural*.

Irá ser, por sua vez, junto dos segmentos juvenis mais escolarizados e de estatuto social mais elevado, residentes em meio urbano, com particular (mas não exclusiva) incidência no universo feminino, que se encontraram os jovens mais interessados nas tematizações mediáticas do corpo; mais insatisfeitos e exigentes com a sua condição física; mais sensíveis e conscientes dos riscos implicados em determinadas mobilizações corporais; mais diligentes e aplicados nos cuidados de higiene diária; mais vigilantes e restritivos na alimentação que fazem; mais dedicados a regimes desportivos sob a égide da manutenção ou melhoria da forma e as-

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

pecto físicos; mais permissivos na aceitação de determinadas modificações corporais inovadoras ou extravagantes e mais audazes na sua concretização; mais ecléticos e pormenorizados nos recursos convocados na composição dos seus visuais.

Outros estudos vêm ainda encontrar o corpo como suporte mobilizado na afirmação e no «empoderamento» social por parte dos jovens. A entrada na «idade jovem» marca o início de uma condição de transição onde estes tentam conquistar uma autonomia acrescida na escolha das suas próprias referências. É uma fase caracterizada por tentativas de *experiência autónoma* ou socialmente *emancipatória* que, frequentemente, passam por investimentos no corpo sob a forma de imagem, movimento ou sensação. Conscientes do seu elevado valor expressivo e performativo, e aproveitando a sua disponibilidade universal e os recursos que lhe são actualmente destinados, os jovens encontram no corpo um lugar de desenvolvimento de experiências e projectos corporais quer sob o signo da conformação, quer da contestação aos modelos e instituições de produção corporal dominantes.

A reivindicação de autodeterminação nas formas de se apresentar publicamente – como, por exemplo, de escolher o que vestir e como vestir (König 2008) ou de colocar um ou mais *piercings* ou tatuagens (Ferreira 2008), – bem como de se engajar em condutas socialmente consideradas «de risco» para a saúde – como fumar, beber, usar drogas (Flanagan, Stout e Gallay 2008) ou restringir a ingestão de alimentos (Carmo 1994, 1999) – são comportamentos que, entre os jovens, vêm muitas vezes no sentido de desafiar ordens e poderes corporais estabelecidos (os pais, a escola, etc.).

A concretização destes comportamentos é frequentemente percebida como o exercício de um direito individual sob um bem que os jovens entendem ser sua propriedade privada – o corpo –, bem esse susceptível de ser capitalizado na luta que quotidianamente empreendem pela conquista do seu espaço de subjectividade e lugar no mundo, pelo controlo sobre si próprios e sobre as suas vidas. Propriedade de primeira ordem para muitos jovens despossuídos de outros recursos e capitais a potenciar e a agenciar socialmente, o corpo é, durante essa fase do curso de vida, investido de regimes que vêm frequentemente no sentido da definição e inserção social do jovem, da sua construção individual e do reconhecimento social enquanto pessoa (relativamente) autónoma nas suas tomadas de decisão.

Vítor Sérgio Ferreira

## O corpo como operador social de uma ética juvenil de celebração

Por fim, outra das ordens de razão invocadas para eleger o corpo entre os objectos da sociologia da juventude prende-se com o facto de esse recurso desempenhar um papel central enquanto operador social, expressivo e emotivo, na vivência de uma ética de celebração entre os jovens de hoje. Algumas práticas *do* corpo e *no* corpo encontram-se na base da estruturação de muitos dos núcleos de sociabilidade juvenis que se desenvolvem actualmente: as actividades físicas e/ou desportivas, os desportos radicais, o *parkour*, a *street dance* ou a *break dance*, o *clubbing* e outras formas de apropriação e vivência social da *dance music* (como as festas), a tatuagem e o *body piercing*, os gostos alimentares, entre muitas outras, são práticas que potenciam a criação de *bio-sociabilidades*, ou seja, de cumplidades sociais que têm o corpo como epicentro (Ferreira 2009).

Trata-se de formas sociabilísticas constituídas e reconhecidas não por vínculos ideológicos de ordem política, religiosa, idiomática, territorial ou de classe, mas estruturadas, sobretudo, na base de afinidades electivas e afectivas de ordem estética, cenográfica e performativa socialmente compartilhadas, onde os investimentos em termos de imagem, movimento ou sensação corporal ocupam um lugar central enquanto recurso expressivo de identidades e estilos de vida.

Longe da lógica holista de *contestação* colectiva característica de alguns movimentos juvenis do passado, as culturas juvenis contemporâneas assumem formas mais mundanas, com ambições mais rasantes e intenções mais contextualizadas. Partilham sobretudo a *celebração* convivialista e somatizada de valores sensíveis como o hedonismo, o presentismo ou o experimentalismo, quotidianamente operacionalizados e concretizados através do corpo: o *experimentalismo* enquanto tentativa constante de desafiar o limite possível, mesmo que tal implique riscos, muitas vezes de vida; o *hedonismo* como princípio do prazer, do gozo e da satisfação em torno do lúdico e do lazer; o *presentismo* como forma imediata e desfurizada de viver intensivamente o momento presente.

Em contraponto às formas passivas de «matar o tempo» ou às formas combativas de viver a vida, esta ética da celebração evidencia uma constante procura do lado festivo da vida, enquanto demonstração de vitalidade e de energia criativa (Caillois 1988 [1961]). Perante o excesso de possibilidades e opções, incertezas e aleatoriedades, pressões e prescrições, solicitações e exigências, sonhos ou expectativas sociais a que os jovens estão ac-

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

tualmente sujeitos nas suas vidas quotidianas, muitas vezes objectivamente pouco concretizáveis, muitos jovens respondem com *excessividade* nos seus investimentos mais imediatos e acessíveis, nos consumos e nas aparências, nas experiências e nos prazeres, na intensidade e velocidade com que se entregam à vida, muitas vezes com consciência dos riscos que correm, numa espécie de dever continuado e hiperactivo de celebração.<sup>8</sup>

É nesta óptica que o espaço liso e disponível do corpo humano vem a tomar um valor fundamental como operador expressivo e emotivo, um corpo que é socialmente percebido, mobilizado e vivido como um recurso a explorar nas suas várias potencialidades *plásticas, cinéticas e sensoriais*, susceptível de ser moldado, experimentado, excitado, intensificado através de práticas e consumos vários – música, dança, desporto, sexo, drogas, bebidas alcoólicas, etc. Estas são actividades que permitem aos jovens um mundo de sensações e experiências intensas na sua relação com o mundo. São investimentos libertadores de potencialidades e capacidades internas do corpo, intensificadores de energias vitais que se espelham na superfície, fazendo reverberar no interior do corpo individual forças provenientes do corpo social, estímulos que o atravessam através da excitação dos sentidos (visuais, sonoros, epidérmicos, olfactivos ou gustativos).

São, muitas vezes, usos corporais que traduzem um *excesso de presença* no espaço público, que colocam o corpo em evidência social na sua imagem, gesto ou emoção, expressos através da ostentação de visuais espectaculares, de movimentos arriscados ou de consumos considerados transgressivos. A excessividade é-lhes socialmente reconhecida considerando as convenções que, na cultura somática actual, regulam as possibilidades de mobilização e apropriação do corpo. São *performances* que se regem por um princípio de transgressão, por oposição à ideologia da «juventude» como categoria de risco sanitário, muitas vezes veiculada em discursos de técnicos, sujeitos e instituições a operar na área dos «problemas juvenis» (saúde sexual e reprodutiva, doenças sexualmente transmitidas, gravidez adolescente, toxicoddependência, acidentes de viação, tabaco e álcool, depressão, suicídio, perturbações alimentares, violência, etc.).<sup>9</sup>

Enfatizando mais o *processo* que o *produto*, são usos do corpo que podem tomar a forma de *experiências de transcendência*, pressupondo por

<sup>8</sup> A excessividade, segundo Aubert (2005), é uma das principais características do indivíduo *hipermoderno*, frenético, enérgico e inovador, produto da actual *modernidade exacerbada*, em contraposição ao homem razoável do passado, que valorizava a «medida justa», a «sensatez» e o «equilíbrio», durante muito tempo o ideal moral e social de pessoa.

<sup>9</sup> Ver, entre outros, Le Breton (2002); Lorient (2004); Maillolchon (2004).



Vítor Sérgio Ferreira

parte de quem as empreende uma intenção de se exceder de si próprio, manifesta na constante procura de definição e superação dos seus limites últimos. Trata-se de uma busca realizada em nome do próprio, enquanto sujeito com capacidade de colocar a si mesmo os seus limites mais extremos. São práticas que encerram, portanto, um sentido de *prova*, correspondendo ao exercício de um poder performativo que permite a quem as pratica testar e demonstrar capacidades, habilidades e particularidades com uma expressão simbólica de poder e distintividade. Isto no sentido em que funcionam como manifestações, para si próprio e para os outros, de que se é capaz, corajoso, forte, habilidoso, e não mero agente passivo, alienado e reflexo mimético de outros, sujeito às expectativas e pressões sociais destes.

A excessividade que caracteriza estas práticas *do* corpo e *no* corpo poderá compensar assim uma espécie de *sentimento de inexistência* particular aos estatutos de pessoa e cidadão dos jovens, enquanto conjunto de provas sociais e simbólicas que lhes propiciam a ruptura com uma autopercepção enquanto «mais um entre muitos», com uma existência igual a tantas outras, deixado à mercê dos caminhos previamente traçados e das expectativas sobre si depositadas pelas instituições que tradicionalmente enquadraram as vivências juvenis. São práticas que poderão, por isso, expressar um desejo de existência por parte de quem as agencia, uma ambição de protagonismo e de emancipação, enquanto potenciadoras de um sentimento de ser «alguém» no mundo.

## Considerações finais

*Dar corpo à juventude* e conhecer as configurações e ancoragens sociais das manifestações corporais dos jovens, nas formas sociabilísticas que revestem, nas lógicas simbólicas que nelas são investidas e nos efeitos sociais que produzem, revela-se assim uma tarefa inovadora e relevante para a actual sociologia da juventude. Desde logo, porque tem a mais-valia de restituir uma dimensão que os jovens tanto valorizam e mobilizam na sua vivência quotidiana: o seu lugar corporal. Um lugar onde podemos encontrá-los enquanto *sujeitos do* social e não apenas *sujeitos ao* social. Se é no corpo que muitos jovens mais intensamente experimentam e vivem o controlo social e os mecanismos disciplinares, é também nele que muitos encontram o lugar performativo de expressão e desempenho do ideal de singularidade, liberdade, autenticidade e autonomia individual constitutivo das subjectividades da modernidade mais recente.

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

Deste modo, do cruzamento da sociologia da juventude com a sociologia do corpo, ainda de estatuto fluido e controverso, de conceitos indecisos e metodologias tateantes, pode emergir uma aproximação sociológica de enorme potencialidade *heurística*, permitindo chegar aos universos juvenis para além das suas tradicionais portas de entradas – muitas vezes mais construídas pelo investigador do que realmente vividas pelos jovens – e devolver-lhes dimensões sociais e sociológicas que, noutras aproximações, seriam difíceis de captar.

Posicionado na intersecção da relação e da *praxis*, da linguagem e do símbolo, da instituição e da contestação, da percepção e da acção, da sensação e da emoção, o corpo constitui um importante *operador social*, considerando as bases necessariamente encarnadas da acção social. Daí a necessidade de olhar para o corpo não apenas como *objecto de poder* mas também de *locus de acção*, e repensar a sua carnalidade de uma forma activa, entendendo o corpo concreto não apenas como *produto* mas também como *agente social*, um *operador social activo* (Crossley 1996, 99).

A este estatuto, junta-se ainda o de *operador epistemológico*: o corpo pode ser tomado não apenas como um objecto a conhecer, mas também como um meio de conhecimento, pela possibilidade que confere em, através dele, (re)conhecer as formas de poder que o social imprime na natureza, bem como os modos como os próprios recursos, capacidades e atributos físicos são socializados e/ou explorados socialmente.

## Referências

- Aubert, Nicole, org. 2005. *L'individu hypermoderne*. Paris: Érès.
- Barthes, Roland. 1999 [1967]. *Sistema da Moda*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, Jean. 1995 [1972]. *Para Uma Crítica da Economia Política do Signo*. Lisboa: Edições 70.
- Berthelot, Jean-Michel. 1983. «Corps et société : problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps». *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIV: 119-131.
- Berthelot, Jean-Michel. 1998. «Le corps contemporain, figures et structures de la corporeité». *Recherches Sociologiques*, XXIX, 1: 7-18.
- Bourdieu, Pierre. 1980. «La jeunesse n'est qu'un mot». *Questions de Sociologie*. Paris: Éd. de Minuit, 143-154.
- Bruchon-Schweitzer, Marilou. 1990. *Une psychologie du corps*. Paris: PUF.
- Bytheway, Bill, e Julia Johnson. 1998. «The sight of age». In *The Body in Everyday Life*, orgs. Sarah Nettleton e Jonathan Watson. Londres: Routledge, 243-257.
- Caillois, Roger. 1988 [1961]. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- Carmo, Isabel do. 1994. *A Vida por Um Fio: A Anorexia Nervosa*. Lisboa: Relógio D'Água.

Vítor Sérgio Ferreira

- Carmo, Isabel do. 1999. *Magros, Gordinhos e Assim-Assim: Perturbações Alimentares dos Jovens*. Porto: Âmbar.
- Castro, Ana Lúcia. 2003. *Culto ao Corpo e Sociedade: Mídia, Estilos de Vida e Cultura de Consumo*. São Paulo: AnnaBlume.
- Conde, Idalina. 1989. *A Identidade Social e Nacional dos Jovens*. Juventude Portuguesa. Situações, problemas, aspirações, n.º 8. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude.
- Criado, Enrique Martin. 1998. *Producir la juventud*. Madrid: ISTMO.
- Crossley, Nick. 1996. «Body-subject/body-power: agency, inscription and control in Foucault and Merleau-Ponty». *Body & Society*, 2 (2): 99-116.
- Cunha, Maria João. 2004. *A Imagem Corporal: Uma Abordagem Sociológica à Importância do Corpo e da Magreza para as Adolescentes*. Azeitão: Autonomia 27.
- Da Matta, Roberto. 1986. «O corpo brasileiro». In *De Corpo e Alma*, org. Ilana Strogenberg. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 76-85.
- Dim, Louis. 1999. «Une jeunesse qui dure». *Sciences Humaines*, 26: 18-21.
- Featherstone, Mike, e Andrew Wernick, orgs. 1995. *Images of Aging: Cultural Representations of Later Life*. Londres: Routledge.
- Feixa, Carles. 1993. *La joventut com a metàfora*. Barcelona: Secretaria General de Joventut.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 1998. «Atitudes perante a sociedade». In *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, org. José Machado Pais. Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude/Instituto de Ciências Sociais, 149-244.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2003. «Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo». In *Condições de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo*, orgs. José Machado Pais e Manuel Villaverde Cabral. Oeiras: Celta Editora, 265-366.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2008. *Marcas que Demarcam: Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, Vítor Sérgio. 2009. «Youth scenes, body marks and bio-sociabilities». *Young: Nordic Journal of Youth Research*, 18 (3): 285-306.
- Flanagan, Constance, Michel Stout e Leslie Gally. 2008. «It's my body and none of your business: developmental changes in adolescents' perceptions of rights concerning health». *Journal of Social Issues*, 64 (4): 815-834.
- Galland, Olivier. 1990. «Un nouvel âge de la vie». *Revue Française de Sociologie*, XXXI: 529-551.
- Gauthier, Madeleine. 2000. «L'âge des jeunes: 'un fait social instable'». *Lien Social et Politique*, 43: 23-32.
- Giddens, Anthony. 1997 [1991]. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Grosso, Luís António. 2000. *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Hall, Stanley. 1905. *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*. Vols. I e II. Nova Iorque: Appleton.
- Huerre, Patrice, Martine Pagan-Reymond, e Jean-Michel Reymond. 2000 [1997]. *A Adolescência não Existe: História das Tribulações de Um Artificio*. Lisboa: Terramar.
- Jünger, Ernest. 2000. «A figura enquanto um todo que engloba mais do que a soma das suas partes». *Revista de Comunicação e Linguagens*, 28: 9-17.
- König, Alexandra. 2008. «Which clothes suit me? The presentation of the juvenile self». *Childhood*, 15 (2): 225-237.
- Le Breton, David. 2002. *L'adolescence à risque*. Paris: Autrement.

*Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos*

- Léon, Oscar Dávila. 2004. «Adolescência y juventud: de las nociones a los abordajes». *Última Década*, 21: 83-104.
- Lesko, Nancy. 1996. «Denaturalizing adolescence: the politics of contemporary representations». *Youth & Society*, 28 (2): 139-161.
- Levi, Giovanni e Jean-Claude Schmidtt. 1996. *História dos Jovens*. 2 vols. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, Gilles. 1989 [1987]. *O Império do Efêmero*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.
- Loriol, Marc. 2004. «'Être jeune' est-il dangereux pour la santé ?». In *Ce que nous savons des jeunes*, orgs. Catherine Pugeault-Cicchelli, Vincenzo Cicchelli, Tariq Ragi. Paris: PUF, 99-112.
- Maillochon, Florence. 2004. «De la sexualité prémaritale à la sexualité à risque». In *Ce que nous savons des jeunes*, orgs. Catherine Pugeault-Cicchelli, Vincenzo Cicchelli, Tariq Ragi. Paris: PUF, 113-127.
- Martin-Barbero, Jesus. 1998. «Jóvenes: des-ordem cultural e palimpsestos de identidade». In *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, orgs. H. Cubides, M. C. Laverde e C. E. Valderrama. Bogotá: Universidad Central y Siglo del Hombre Editores, 22-37.
- Matos, Margarida Gaspar, coord. 2003. *A Saúde dos Adolescentes Portugueses (Quatro Anos Depois)*. Lisboa: Edições FMH.
- Nunes, Adérito Sedas. 1987 [1972]. *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.
- Philips, Janine M., e Murray Drummond. 2001. «An investigation into the body image perception, body satisfaction and exercise expectations of male fitness leaders: implications for professional practice». *Leisure Studies*, 20: 95-105.
- Pinto, José Manuel. 2002. *Adolescência e Escolhas: À Descoberta da Singularidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Resende, José Manuel. 1999. «A construção social do corpo nas sociedades de modernidade tardia: disposições corporais distintivas e a corporalidade como recurso mobilizado nas relações e trajetórias sociais». *Fórum Sociológico*, 1-2: 9-40.
- Ribeiro, Agostinho. 2003. *O Corpo que Somos: Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Schmidt, Luísa. 1985. «A evolução da imagem pública da juventude portuguesa: 1974-1984». *Análise Social*, XXI, 87-88-89: 1053-1966.
- Schmidt, Luísa. 1989. «O discurso publicitário e a construção da juventude como categoria social». Trabalho de síntese para as provas de acesso à categoria de assistente de investigação, Lisboa, ICS (policopiado).
- Schmidt, Luísa. 1993. «Publicidade versus consumo: os jovens preferem as 'colas'». *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*. Actas do II Congresso Português de Sociologia. Vol. II. Lisboa: Fragmentos, 271-281.
- Veríssimo, Jorge. 2005. «As representações do corpo na publicidade Calvin Klein». Tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE (policopiado).